



Cantinho



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Infante do Porto—Avença do Sousa
Vales do Correl para Cete—Preço 1900

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Men'Alvaros R. Santa Catarina, 628—Pórtia
Visado pela Comissão de Censura

NOTA DA QUINZENA

O meu lugar-tenente do Lar do Porto, mostrou-me há dias o livro de contas de fim de ano, aonde vinha a noticia de um depósito de 9 contos e que na Caixa Geral, que vem a ser a parte de dinheiro que se retira dos ordenados dos nossos rapazes, para eles. E' dinheiro deles. Eu disse que não. Que não concordava. Mandei tirar da Caixa e pôr a girar. A escrituração rigorosa dá contas a todo o tempo, e cada um pode retirar o que é seu, havendo necessidade disso. Este é o meu critério e vale, enquanto eu riscar. Não se teme uma corrida à casa. Nem os credores são tantos, nem os creditos tamanhos. Dinheiro a girar. A cumprir a sua missão social.

Quando oço falar nos congelados, tremo de medo! As caixas fortes são um engano. Não. Vá lá buscar o dinheiro. Se nos sobre, dê aos pobres.

E o meu lugar-tenente assim fez. Quando chegar a hora de entregar a qualquer um dos rapazes o que lhe pertence, vai-se buscar aos fundos da obra. Se a Caixa Geral dos Depósitos é forte, muito mais a nossa. Esta finança é alta de mais prós senhores da alta finança. E', sim, mas nunca ninguém se enganou. Amortecer dinheiro, é mortificar os que precisam. Não é marca da nossa obra. Ela é vida. Nós queremos espalhar. Não confundir com esbanjar.

Aqui há tempos recebi uma carta muito extensa e muito bonita. Era de alguém que está nos segredos das cifras de um destes organismos de agora. Era a lastimar-se da triste condição da creança das ruas e também de me não ser dada a



Somente a caridade faz com que de um mesmo prato, comam ao mesmo tempo o cão, o gato, mal-rato. Três inimigos fazem-se amigos. Não repugnou à Natureza Divina tomar a natureza humana e realizar assim no mundo prodígios de amor.

Este é o Gastão. Antes dele, estiveram outros a rapar o tacho. O Top, participou.

facilidade de levantar aqui na aldeia um pavilhão, pago e sustentado por aquêlê mesmo organismo, e aqui é que estava a lastima. A lastima do senhor que me escreveu a carta. O senhor que estava no segrêdo das cifras. Tais eram e são, para êle me escrever quasi a chorar!

Isto vinha numa carta. Mas nos periodicos de há tempos, vinha mais e melhor. Trazia algarismos da altura da torre de Babel. São das Caixas de Previdencia. Um senhor no parlamento levantou a voz e disse que com esses dinheiros podiam-se levantar pelo país fora muitas casas para os pobres. Não sei o que resolveram. Talvez dar mais uma volta às chaves e acabou.

Depois do mêdo que eu confesso aos dinheiros congelados, como poderia airoosamente congelar os nove contos,—como?! Previdencia, sim. Caixa de previdencia, sim. Não há outra como a nossa. Tem sempre o preciso, para o que seja preciso, quando fôr preciso.

Eu cá voto pelo pão nosso de cada dia. Eu gosto de ver valores, trabalho, contentamento, suficiencia, confôrto, vida.

Amontoar, é contra o Evangelho. Se houver falencia na civilização cristã, é porque os cristãos tem medo do Evangelho. Nós não damos contas, mas temo-las, exactas, e podemos mostrar. Milhares. Muitos milhares de contos tem marchado e marcham à nossa frente, sem fazer poeira nem ganhar verdête. Fazem pão! E' a Pobreza. E' preciso prêgar ao Mundo a pobreza com a Pobreza. Não basta contar a história de Jesus Infante nas palhas. O Evangelho não tem histórias, nem é uma história. O verbo de Deus é e disse. Disse a vida. E' a vida.

A Obra da Rua é uma afirmação. Nós não. Nós vamos direitos à luz. Milhares dos que precisam, tem participado e compartilham dos nossos milhares. Tiramos os fundos da circulação, não dos depositos nas Caixas. Nós somos o capital—seiva. Sacerdotes ricos não. Oh miséria das misérias! Sacerdotes das riquezas—isso sim.

Cantinho DOS RAPAZES

Meus filhos: quero continuar hoje com a mesma doutrina do numero anterior, a respeito das vossas familias virem às nossas casas ou aconselhar, por carta, coisas que verdadeiramente não são do vosso interesse.

Digo os nomes. Não quero esconder nada. Quando se trata do vosso bem, tudo o mais fica em segundo lugar. Pois bem. O caso do Manuel, está resolvido. Foi êle mesmo que o resolveu.

Tenho aqui sobre a mesa de trabalho uma carta dêle. Abriu os olhos. O Manuel é hoje um aprendiz de tipografo. Ganha segundo a lei dos salários minimos. Amanhã, oficial que há-de ser, ganha consoante a lei. Mais tarde, mestre da

Um automovel

Era de uma vez eu que fui a Lisboa; à Baixa, mesmo encostadinho ao Tejo: Emprezas. Companhias. Bancos. Sociedades. O Terreiro do Paço particular. Subi ao número x. O senhor estava ocupado naquele momento, informou um empregado, delicadamente: *Só lá prás tantas*, disse. *Está numa conferência.*

Dirigi-me ao Terreiro do Paço oficial e às tantas regresssei. Continuava a conferência. O mesmo empregado gemeu não ter uma sala disponível, aonde eu esperasse, mas uma cadeira ali no corredor, ao pé dos tubos de aquecimento, supriu.

Sentei-me regalado, ó quentinho. Daí a nada, sou transferido para uma sala, aonde, também havia aquecimento, e eu, de novo, regalado. E' que ando farto de rapar frios. Apreciei as horas dos nossos mais pequeninos de Paço de Sousa, à roda do fogão, na cozinha, regalados também.

Cuidava eu que havia de ser aquela a sala

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA



Nada mais saudavel para estes seres que foram das ruas, do que os trabalhos agricolas. Saudavel e educativo.

Aqui se afirma como ponto da experiencia e um desejo estuante do bem destes rapazes. Asilos não. Casas de trabalho sim.

nossa futura tipografia, ganha da mesma sorte. Trabalha em casa dêle. Ajuda a fazer a outros rapazes, o bem que recebeu na obra. Aqui é que está. Neste ponto é que ele há-de ser verdadeiramente um homem feliz, isto é, apanhar do chão rapazes dos caminhos, assim como fizeram a êle. Oh suprema felicidade! Calos nas mãos. Consciencia de fazer bem. Homem completo. Cristão perfeito. Mais. Se o Manuel, mais tarde, se sentir chamado para o casamento, tem o seu lugar garantido na obra. Tem o seu ordenado de familia. Tem a benção de Deus.

Assim como fizeres assim acharás. Dito do Manuel dito de todos. Rapazes, alerta. Abri a

Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Veloso da Rocha



Do que nós necessitamos

Os rapazes que trabalham no Porto e que foram desta casa lembraram-se de oferecer uma prenda à *Senhora*. Ela ficou contentíssima porque não podiam escolher nada mais ao gosto dela: foi uma via-sacra muito linda. Vai-lhes escrever uma cartinha para agradecer. O *vêlha* que está cozinhando em Paço de Sousa, escreve de vez em quando à *Senhora*. E ela chora sempre com pena dele!

Também aqui esteve o Albino que está a trabalhar em Coimbra e veio matar saudades. E' bom que os rapazes sejam assim sempre amigos da casa.

A última venda do Gaiato, como estava a chover, foi fraca. Mas ainda assim vendemos muito e trouxemos seis assinaturas. E' preciso notar que nós só vendemos aos Domingos. Aquele ardina que vende no resto da semana não é cá da casa e portanto não lhes devem dar mais do que a conta do jornal nem assinaturas.

Todos os miudos querem rapar o tacho à uma. Como eles não cabem todos à volta dele só os asseadinhos é que o rapam. Foi isto que a *Senhora* prometeu há dias. Na manhã seguinte o Tonito mal acordou perguntou logo para a *senhora*. O mãe o Rui fez xi-xi? Não; então é êle que rapa o tacho, não é? Pois é. O Tonito ficou logo amuado!

No Domingo passado tivemos a festa de S. Braz. O gaiteiro andou a tocar todo o dia. No largo estava uma barraca de brinquedos. O Sr. Padre Adriano comprou uma corneta para um e logo todos queriam. Teve de fazer a vontade a todos. O' agora é um barulho infernal que nunca mais acaba. Fazem cortejos com latas, cornetas e assobios e dão volta à quinta. O que vale é que são de barro e parte-se tudo num instante.

Há dias o *três-pêlos* andava a ajudar o padeiro e fez *três pães policias* com as rapaduras da massa. O Humberto e o *hiroito* combinaram ir de manhã cedo para os ir comer. O Hiroito ia acender a luz mas apanhou um choque que caiu no chão a gritar. O Humberto viu o outro a gritar mas em vez de acudir pegou nos *policias* e escondeu-os para os ir comer sózinho. Mas depois foi o pior, porque deram com eles escondidos na casa da lenha, e foram chamados a tribunal. Isso é que foi rir!

inteligencia às realidades da vossa obra. Ela é que é a vossa família. Ela é que tem o leite de Mãe, as aflições de pais, o carinho de irmãos. Ela dispõe de todos os meios para vos dar uma situação airosa e decente na vida.

Mas quero dizer-vos mais. Tenho obrigação de vos avisar. Eu sou amigo. A Mãe do Camilo, de uma vez, mandou-lhe uma carta para êle se ir embora. Noutra que depois escreveu, dizia-lhe mesmo assim: *foge e vem cá ter*. O rapaz assim fez. Depois dum ano de trabalhos, regressou. Foi dar à Casa de Miranda, para ficar mais longe da Mãe! Hoje é um chefe prometedor.

A Mãe do Carlos, anda presentemente a tenta-lo para êle fazer na mesma. Não sei o que êle fará. Não queria que êle fôsse, sim, mas se isso fôr da sua vontade, não é preciso fugir. Basta dizer que se quer ir embora. A nossa obra não tem cancelas.

Que fazer? Imos dizer mal das vossas famílias? Nunca. Não é por mal que o fazem. E' o bem que eles procuram, o que é, não o sabem procurar. Não entendem.

Pois sabeí vós procurar o vosso bem. Que cada um procure o seu bem. Aonde?

Na vossa Casa. No que é vosso. Nesta obra dirigida por vós, para vós. Sim, digo bem. Já, já não. Sois ainda muito verdes nos anos. Mas vem lá o dia em que alguns hão-de ser chamados à sentinela. Ao sacrifício. Haveis de ser os condutores.

Amparar os que estão. Recolher os que vierem. Colocar na vida os que não tinham vida.

Já tenho alguns nomes no peito, que a seu tempo chamarei.

Então sim. Então podes auxiliar os parentes. Até lá, não lhes podes ser útil nem êles a ti. Cautela. Muita cautelinha. Olha a lição do Camilo!

Aqueles momentos felizes que se passam à beira dos doentes do hospital, são quase sempre entrecortados por encontros inesperados de pungente tragédia. Cada doente é um mundo, às vezes um astro de primeira grandeza à volta do qual gravitam outros mundos que são arrastados na mesma queda.

Acabo de encontrar à porta de S. Jerónimo, um pequenito de nove anos que mora na Conchada, numa miserável cabana. De olhos no chão, lia-se no rosto a angústia daquela hora incerta.

- Tens alguém no hospital?
- Tenho sim; a minha mãe...
- A tua mãe!... E quem cuida de ti e dos teus irmãozitos, em casa?
- Ninguém!
- Mas... onde foste almoçar?
- Uma vizinha teve dó de nós e deu-nos comer...
- E o jantar?
- ??

Sempre que vejo uma criança com cara ou a chorar de fome (e há tantas espécies de fome, porque nem só de pão vive o homem) sinto no coração a mágoa profunda do atraso em que estamos em matéria de assistência e outra mágoa não menor de não poder chegar a toda a parte.

De quem é a culpa d'êste estado de coisas? «Da Sociedade?» A sociedade é aquele nome abstrato e anónimo a que se não pode pedir contas. Mas na sociedade há indivíduos que desconhecem ou fingem ignorar egoisticamente os seus deveres sociais. A terra que foi dada aos homens chega, equitativamente dividida, por todos.

Da «Família?» O pai é uma incógnita; a mãe uma triste realidade com que se não pode contar, na maioria dos casos, para a solução do problema. O futuro dos menores é portanto uma terrível interrogação no «mare magnum» da rua. Pedir contas às próprias vítimas: «vai trabalhar malandro! é quase sempre incompreensão e crueldade. Trabalhar... quem lhes incutiu amor ao trabalho? onde trabalhar? quem aceita um esfarrapado? quem confia num vadio?»

Não ignoro o bem que se tem feito aos infelizes em profundidade e extensão, nas obras existentes; mas, a avaliar pelos pedidos que hora à hora nos chegam de todos os pontos do Distrito de Coimbra, nós precisávamos, só para ele, de internatos para mais de trezentas crianças.

Não meto em conta todo o problema das raparigas, nem o dos rapazes cuja solução se pode encontrar no seio da família com o auxílio do externato, (que entre nós não existe).

São precisos lares, muitos lares! Se a mãe está no hospital, no lupanar ou na cadeia (e temos pedidos de todas estas proveiências) os filhos vão aprendendo para lá o caminho.

A fome pede o hospital; o abandono gera o vício e o vício pede a cadeia. A solução não está em construir cadeias, mas em construir lares. Atacar a causa e não apenas os efeitos!

E' isto que temos feito e que urge continuar a fazer. Sei de quintas apropriadas e de quem tem vontade de trabalhar.

Falta-nos o resto... * * *

Ninguém nos pede, mas gostámos de aqui dar notícia do que nos chega às mãos. E' gratidão e não vaidade supérflua.

100\$00 em carta deixada no lar.
100\$00 de visitantes e mais 100\$00 na mesma ocasião e roupas em bom uso. Calçado e roupas usadas, da Louzã. 100\$00 e uma boa gabardine dum anónimo no Lar. Há notícias de alguém de Viana do Castelo.

20\$00 de Ferreira do Zezere, lamentando não poder dar uma resposta urgente e favorável como na carta se pedia.

50\$00 de Miranda do Corvo por intermédio do Gaiato que vai ao leite.

20\$00 de Matozinhos e 20\$00 do Porto para a Conferencia dos Pobres. 50\$00 na rua por alma do meu marido que era grande admirador da Obra.

20\$00 no Lar, dum anónimo e 40\$00 da Figueira da Foz. 50\$00 dum pobre Padre da Serra e 10 alqueires de milho da congrua modesta de outro e 20\$00 de outro.

Mais um desconto mensal na iluminação da Casa, «por entendermos que se trata duma instituição de utilidade publica». Revistas para biblioteca dos rapazes, e o disputado jornal de «A Bola».

—Um cabrito e batatas para no dia de festa e

Mais de Lisboa navalhas de barba e mais coisas neste género, que foram do uso de um senhor amigo. E' a viúva quem manda, com saudades do seu marido. Nós temos recebido grandes espólios. desde que somos a *Obra da Rua*. Não são grandes pela quantidade; são-no pela qualidade. O actual cozinheiro de Paço de Sousa, é um *espólio*. Já lá vão tantos anos e parece-me que foi ontem! Foi numa cama do hospital de Coimbra. A mãe era viúva. Deu-me o filho e morreu. Estas são as verdadeiras heranças feitas a uma obra da natureza da nossa. Que outros procurem outras, que nós só queremos estas. Mais roupas de Albergaria-a-Velha. Mais 20\$ do anónimo B. de todos os meses. Não é só para aqui. Para Miranda vai igual quantia, em data igual com letra do mesmo! Mais 50\$ de Lisboa, de alguém que ficou em cuidados se sim ou não a carta foi recebida. Foi sim senhor. Mais uma pancadaria de árvores de ornamento, de um viveirista de perto.

De simples aldeia que hoje é, há-de ser amanhã o eden de Portugal, pelos jardins floridos! Mais o peditório na igreja dos Congregados, em 9 de Fevereiro, que andou por onze contos de rei. Aquilo é que foi! Mais 50\$. No *Espelho*, a costumada pancadaria de envelopes e encomendas e também dinheiros de pessoas que ali vão pagar ou tomar assinaturas do *fumoso*. Se os senhores do *Espelho* vierem um dia a apresentar contas de agencia, mal está a *Casa do Gaiato!* Aonde os fundos? Mais 50\$ no Banco, dos Empregados da Vacuum. Mais mil no mesmo sítio, de um anónimo. Mais 100\$ de um advogado que começa vida. Começa bem. Mais 20\$. Mais 50\$. Mais alfaias agrícolas de uma Casa Comercial do Porto. E' um semeador. E' da rua de Santa Catarina. Mais um cesto de laranjas de Torres Novas. Que boas!

Os visitantes teem vindo, com chuva e tudo! Não costumam dizer quem são, nem a gente pergunta. Mas explicam-se muito bem...

Mais de Ermezinde um pacote de roupas usadas, a dizer —*não há perigo de contágio*. Gosto muito destes avisos. Eles marcam o interesse de quem dá.

Hoje, domingo, com o estar o céu pardo, os visitantes não tiveram medo e vieram oferecer dos seus tesouros. Houve esmolas qualificadíssimas: *Acete estes dois pares de sapatos, de um nosso protegido, a quem já não servem*. Assim vão as coisas até final, ao serviço dos pobres, à creança pobre! Feliz quem sabe dar. Outras esmolas do mesmo teor, vieram enriquecer quem as deu. Era um envelope a dizer de como haviam de ser distribuidas as notas que vinham dentro.

As coisas aparecem sobre a mesa do meu quarto de trabalho discretas, silenciosas, conforme o preceito do Senhor: *Que a tua mão esquerda, não saiba o que dá a direita*. A letra é de uma mesma pessoa. As notas são perfumadas; de um mesmo perfume. Ora eu tenho informações do Amandio que me disse de uma vez: *Quando v. receber um envelope a dar muita coisa, é da minha senhora*. Será a senhora do relógio? Será a do caxecol? Seja quem fôr, é feliz. Quem dá é feliz. Mais. Só quem dá é que é feliz. E um outro envelope, também deixado sobre a minha mesa de trabalho, com cinco notas! E as várias notas pequenas?! E os carros a pararem na avenida, mesmo em frente das *alminhas*, e os senhores a sair do carro a meter a mão na algibeira, e a botar na caixa! E o que está p'ra vir d'aquem e d'além e do vale de Santarém!

Mais 150\$ da Rua do Relógio. Mais duzentos escudos de longes terras. Mais de Castelo Branco um pacote de roupas e cinco latas vazias, que foram de farinha maizêna, e agora vão ser copos. Copos dos nossos, à prova da tropa. Ora eu levo muito alto esta oferta pelo grande carinho que nos traz. O trabalho de empacotar, pôr no correio, pagar selos! Para quê, dir-se-á? Latas! São de alguém que lê o nosso jornal de cabo a rabo, com certeza. Alguém que procura ajudar a nossa pobreza. Talvez Mãe de filhos, que por amor do seu mais pequenino, quer que os nossos pequeninos tomem leite por uma lata que serviu a do filho dela. Talvez!

Pois que venha cá em qualquer dia a horas de merenda. Em vez de lêr vê, e chora de contente. E mais nada.



muitas centenas de caixinhas de remédios enviadas por médicos amigos. E finalmente 500\$00 em Miranda dum funcionário zeloso. «Nunca encontrei tanta fé em Israel», dizia o Mestre do Centurião. Também posso dizer, nunca encontrei em Miranda tanta compreensão e simpatia pela «Obra».

PADRE ADRIANO.

Assinaturas pagas Uma carta

Temos recebido dinheiro de assinaturas em dolares, cruzeiros, libras, pesetas, angolares, dinheiro de Moçambique, e escudos, isso é ós montes! Se não houvesse um caloteirinho aqui e além, seria às serras. Quer dizer, temos assinantes nas cinco partes do mundo. E' o primeiro jornal! E' o mais discutido do mundo! São os vendedores que me trazem esta novidade e os factos confirmam. Temos aqui uma carta de Roma: «Com esta assinatura, fica o jornal a ser lido pelas duas comunidades que aqui falam o português: Colégios português e brasileiro. São «perto de duzentos leitores.» Tenho de me apurar na letra e na doutrina. Duzentos teólogos a catar o jornal! E isto em Roma!! Dos teólogos é que eu tenho apanhado. Eles porque não sei gramatica. Eles porque não sei doutrina. Eles porque perdi o tino. Eles porque sim. Eles porque não. Mais assinantes. Ora vamos a ver quem é que me ajuda. Não que eu tenha razões de queixa, que não tenho. Eles são avalanche. Mas eu queria uma inundação. Eu gostaria de ver as almas a trasbordar.

Dá pena ver como tudo anda com sêde! Tudo vazio! Quando eu ando a pedir é que vejo. Quer nas igrejas, quer nos teatros, quer nas praias. Ali é que se vê a fome. A verdadeira fome. A pior fome, porque tortura e não mata. Vejo na ansia, no espanto, nos ais, nas lágrimas, no que me dizem, no que me dão. E no que fica na alma dos ouvintes! Cuida-se que é o pregador. Cuida-se que é este jornal. Nem uma coisa nem outra. E' a fome no mundo. Procura-se qualquer coisa que nos encha as medidas e como êle é verdade não existir nada na terra que o faça, os leitores mai-los ouvintes, ao lêr ou escutar, morrem por mais. Virtude da palavra? Não. Fome dos que a padecem. Ora eis.

Tenho seguido com um interesse sempre crescente a obra providencial a que se dotou por inspiração do Divino Espírito Santo, e quero concorrer para ela com o meu óbulo que por ser franciscano, não pode ser muito grande. Queira contar-me no número das assinantes do seu jornal, que eu há muito leio com a maior atenção.

«O Gaiato» é um autentico revolucionário, mas faz a revolução do bem e da verdade e por isso bem haja ele. Leio-o sempre sem perder uma letra e só passo à frente os nomes das assinaturas pagas. Muita coisa ensina ele com um desassombro que consola com uma convicção que contagia, sem respeitos humanos de nenhuma espécie ou qualidade. E' um pregador eloquente que põe a nu o Evangelho e o prega com todas as suas exigências. Aproveita-me sempre a sua leitura.

Aprecio também imenso os seus métodos de formar essas almas e confesso que muito tenho aprendido nas colunas do «Gaiato». Tenho pena que não haja alguém que aplique às Casas de raparigas os mesmos processos educativos, os únicos que nos tempos actuaes podem produzir fruto verdadeiro e durável. Ah! se se reformassem os Asilos de raparigas e neles se adoptasse o mesmo método, quando se lucraria! Não haverá quem seja capaz de meter ombros a uma empresa destas?

Há sim senhor. A dificuldade não está no fazer. Está mas é no desfazer. Desfazer uma coisa que está feita há séculos, com raizes na virtude, amparada por leis, sustentada por heranças, dirigida por *competencias*. Quem pode?! Só com o andar do tempo. Veja a pessoa que escreve, se pode começar desde já a fazer alguma coisinha neste sentido tanto mais que, segundo creio, trata-se de uma religiosa educadora. Primeiro que tudo, deixe-me cumprimentá-la, por ser uma Religiosa e apreciar. Estiveram aqui há tempos duas religiosas que vinham vêr o que isto é e ao depois tomam conta da enfermagem. Pois tais coisas viram e ouviram, que se foram embora, apavoradas com os nossos métodos! Queriam implantar o delas. Fazer meninos do côro, em vez de homens de amanhã. Quem é que vai lançar vinho novo, em odres velhos,—quem? E' contra o Evangelho! Sim. Primeiro que tudo, deixe-me cumprimentá-la. Depois, retire-se do asilo toda a sorte de creadagem, senhoras perfeitas, membros da direcção e tudo o mais que se sabe. Depois, vá-se ó leteiro que diz *asilo* e ponha-se *Casa de trabalho*. Logo a seguir, abrir todas as dependencias da casa às raparigas. Deixá-las fazer o caldo, pôr a mesa, coser a borôa, remendar, varrer, ir às compras, cuidar de si,—ser mulher. Se o asilo tiver quinta elas na quinta, no jardim, nas barreiras, nas meadas, na rôca, no tear, nas feiras a vêr preços e... moços. Sim senhor. Não há mestra como a vida. Contacto com a vida. Esta experiência, junta à formação espiritual que se supõe na vida de comunidade, fará a mulher de amanhã. A mulher forte.

Mas quê; nada disto se pratica. São métodos simples de mais para a maneira *segura* e complicada de vêr as coisas. O que torna necessário é mas é prevenir, rodear a *menina* de cautelas para que não venha a cair nas ciladas do mundo e tem graça que a primeira coisa que a *menina* geralmente faz, ao sair do asilo, é cair nas ciladas do mundo! Porquê? Porque a prepararam para uma vida que não é!

Ora aqui tem, minha boa Irmã. Se os institutos religiosos se oferecem e prestam a cooperar nas grandes obras sociais de formação cristã, que façam uma revisão séria aos seus métodos, para não cairem na culpa grave de tomarem à sua conta trabalhos para que não estão preparados. E' preciso que a regra se sacrifique às obras e não estas à regra, como se pretende. Menos importância. Mais humanidade. A letra mata. Diga isto mesmo às Madres, no próximo capitolo. A bem da Igreja.

- Júlia Soares dos Santos Ramos, Coimbra, 25\$; Rosa Rodrigues da Cruz, Coimbra, 20\$; Dr. José Carlos, Miranda do Corvo-Pereira, 50\$; Maria Isabel Afonso dos Santos, Coimbra, 25\$; Francisco Simões de Melo, Anadia-Canelas, 30\$; Justina Pimenta Nogueira, Ponte do Lima, 30\$; Francisco Mota, Paço de Arcos 15 meses, 50\$; Vitorino Dias Eusébio, 4 anos-S. Brás de Alportel, 50\$; Alfredo Augusto Cepêdo, Porto, 100\$; Dr. Oscar Oliveira Simões, Lisboa 50\$; Maria Eduarda Costa Praça Cunha, Montemor-o-Novo, 100\$; José Marques D. Carneiro, Monchique, 20\$; Manuel da Fonseca C. Mendes, Frunches-2-anos, 35\$; Miguel Vieira Campos, Porto, 50\$; José António de Sousa Meireles, Porto, 25\$; Professora D. Elisa de Oliveira-Escola Oficial de Serra do Mouro-Chão do Couce, 50\$; Professora Maria Augusta Torneira-Escola Oficial de Chão do Couce, 50\$; Professora Esmeralda Simões S. Ribeiro, Ancião-Pedra de Ouro, 50\$; Professora Rente Simões de Sousa, Aneisjeira, 5\$; Maria Ana Maria, Manuela e Maria da Graça, Serviços Florestais de Aveiro, 50\$; Artur Pinto Brandão, Parêdes, 20\$; António dos Santos Sobral, Coimbra, 50\$; José de Almeida Corajem, 50\$; Maria Manuela Machado Guimarães de Freitas Bravo, Porto, 50\$; Maria Guilhermina Laroche Semêdo, Lisboa, 50\$; Padre João Maria Carlos, Valongo do Vouga, 20\$; Ernesto Gomes da Silva, Paço-Arrancada do Vouga, 20\$; Maria Dolôres de Vallodares Cetro-Santa Marinha Ribeira de Pena, 20\$; Dr. Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior, Gouveia, 100\$; Maria da Cunha e Siva, Paço de Sousa, 40\$; Maria da Soledade de Pinho e Sousa, Arentela, 100\$; Maria Emília de Albuquerque Pinho, Albergaria-a-Velha, 30\$; Padre José Gonçalves Martins Leitão, Sabugal-Aldeia-Velha, 50\$; Narciso Pinto Loureiro, Porto, 100\$; Maria Tereza de Carvalho Luizello Godinho Ribeiro Telles, Coruche, 50\$; Affonso Lares, Anadia, 100\$; João Francisco Montes Palma, Beja-Cabeça-Gôrda, 50\$; Maria Emília Santos, Porto, 50\$; Rosa de Carvalho Pereira, Lisboa, 50\$; Virginia Campeão Carneiro, Tomar, 10\$; Manuel Fernandes da Cunha, Porto, 25\$; Maria Rufeira Soares Amaral, Cête, 20\$; Nelma Estêves Ferraz Porto 20 meses, 140\$; Dr. Alfredo dos Reis, Lisboa, 3.000\$; Menina Maria Leonor Figueiredo do Vale, S. João da Bôavista-Tábua, 20\$; Margarida Rosa da Silva, Porto, 100\$; Aurelina da Silva, Alcanena-Vila-Moreira, 25\$; Maria da Encarnação Rocha, Lisboa, 50\$; A. J. Santos Sá, Porto, 50\$; Coronel Alfredo Ferreira Estêves, Lagos, 70\$; Maria Zulmira de Lima Henriques de Melo e Castro-Vouzela, 100\$; Maria Lucília de Sousa Menezes, Porto, 100\$; Maria Angelina da Cunha Borges-2 anos-Formigoza-Oliveira do Douro, 100\$; Oscar Rodrigues Freixo, Molelos-Tondela, 50\$; Maria do Rosário Godinho Matos Tôrres, Lisboa, 350\$; Maria Helena Felgueiras, Brunhoso-Mogadouro, 25\$; Maria José de Melo e Castro Ribeiro, Vila Nova-Alvaiázere, 50\$; Tália Amélia Casimiro Sousa, Vila Nova de Ourém, 25\$; Maria Berta Saturnio Moniz da Maia, Lisboa, 30\$; Manuel Garcia Velasco, Bragança, 15\$; Hortense Saturnino Moniz da Maia, Lisboa, 30\$; Eduardo de Castro, Vila-Rei, 30\$; Alberto Manuel Ferreira Figueiredo, Bombarral, 40\$; Adelaide Segurado Fernandes de Barros-Moura-4 anos, 100\$; Leontina Soares, Famalicão, 50\$; António, José, Manuel, Américo e Jorge Machado-Vila Nova de Gaia, 50\$; Serafim Venâncio Marques dos Santos-Quintã, Gondomar, 20\$;

- Anónima, Monte-Estoril, 100\$; Ana Rosa Teixeira Gomes Callapez, Portimão, 50\$; Dulcinea Aurélia Monteiro da Silva, Riachos, 50\$; Regina Helena Lemôs da Silva, Coimbra, 20\$; Capitão José Carlos Rodrigues Coelho, Foz do Douro, 50\$; Maria Margarida Soares Pereira de Almeida-Vila-Boa do Bispo, 20\$; Alvaro Faria, Porto, 50\$; Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova-

- 2 anos, 50\$; Abílio Simões de Barros, Angola-Nova Lisboa, 30\$; Daniel Guedes Barbosa, Porto, 100\$; Joana de Bragança, Lisboa, 25\$; Eduardo Jaime de Sampaio Franco, Lisboa, 25\$00.



Esta fotografia ilustra a nossa vida em comum. Não há separações. Não há comunicaveis. Tudo junto. Seara d'almas, onde cresce à vontade o trigo e o joio. Perigos? Sim. Isso nem se discute. Eles são o fruto necessário e terrível da natureza humana. Eu cá acredito no dogma do pecado original. Dogma? Dogmas? Isso do tampões! S'êle é verdade que a ciencia tapa muita coisa que não sabe, com dogmasinhos, sonda a duvida em aceitar racionalmente o dogma fundado numa verdade eterna, — onde? Deus é quem revela. Era duma vez um senhor doutor que me disse assim: *Sabe? A verdade não existe. Nós, médicos, assentamos hoje num determinado principio, fazemos doutrina, e amanhã vem-se a descobrir que é tudo falso. Não exists a verdade.* Ora aqui é que está o verdadeiro tampão. A intelligencia de um doutor tapada. Assentou-se no dogma, a verdade não *existi*, e não se dá mais trabalho ao pensamento. Pilatos disse o mesmo! Não via quem tinha à frente. Perguntava pela verdade a *Verdade!*

Mas continuemos. Sim, os perigos não se discutem. Porém, de preferencia a isolar rapazes, eu prefiro deixá-los juntos e chamar os maiores à responsabilidade de viver entre os mais pequenos. Isto é o que nós fazemos. O que não fizemos pela convicção, muito menos pela separação.

Eu acredito, também, nas possibilidades divinas, do rapaz. A alma é um terreno formidável. Sou testemunha de transformações admiráveis. Acredito, ainda, na dêr do pecado, na eficacia dos sacramentos, no poder da oração. Quem distingue a creança da rua do teu filho dileto? Todos, menos Deus!

Estas verdades eternas mastigadas, vividas e aplicadas, não tiram, certamente, os perigos da vida em comum. Não tiram não senhor. Mas mostram-nos. Cada rapaz fica a conhecê-los, e foge deles como pode. Ora eis.

A vida em comum, empresta, ainda, um delicioso panorama familiar da nossa obra. Não é raro vêr como os maiores ameigam os mais pequenos os trazem ao colo, dos campos e dos brinquedos.

Não é raro. Ora o segredo da educação deste mundo sem familia, reside precisamente no saber coloca-los em casas de familia. Dar lhes sangue que os prendam uns aos outros, para serem laços de sangue e desta sorte, ser mais intensa a repugnancia do pecado. A transfusão de sangue não é coisa de agora. Vem do Golgota!

